

Curadoria
Daniel Ribas

Coordenação
Rui Vieira

Montagem
Nuno Fonseca

Comunicação
Mariana Müller

Design
Joana Machado—Colônia Design
Studio

Serviço Educativo
Margarida Dinis

Apoio à Produção
Maria Silva

Apoio Técnico
João Pereira
Pedro Oliveira
Infraestruturas, UCP—Centro Regional
do Porto

Agradecimentos
Catarina Boieiro, Diogo Tudela,
Galeria Municipal do Porto, João Pedro
Amorim, Mariana Caló & Francisco
Queimadela, Nuno da Luz.

É Noite na América Ana Vaz



COMISSÃO E
PRODUÇÃO



ORGANIZAÇÃO



COFINANCIADO



APOIO



É NOITE NA AMÉRICA É UMA COMISSÃO E PRODUÇÃO DA FONDAZIONE IN BETWEEN ART FILM E CO-PRODUZIDO PELA PIVÓ ARTE E PESQUISA E SPECTRE PRODUCTIONS.

ESTE PROJETO É FINANCIADO POR FUNDOS NACIONAIS ATRAVÉS DA FCT—FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA NO ÂMBITO DO PROJECTO REF.ª UID/00622/2020.

4 JUL—7 OUT 2022
Terça a Sexta-Feira
14H—19H

ENTRADA LIVRE



UM JARDIM NA CIDADE

Olhamos um horizonte: estamos no planalto que acolhe Brasília, a cidade utopia construída para ser a capital do Brasil moderno. As imagens são impactantes, de uma beleza quase escultórica: como se uma cidade tivesse sido modelada aos poucos, pelas mãos de um super-homem. Esta modernidade faz parte de uma história e de um imaginário de um futuro nunca atingido, de um projeto de nação nunca cumprido. Desse projeto, o que resta é uma história de vencedores. Uma história que oculta a memória de esquecidos e precários; uma história de poder das elites sobre um povo em nome do qual se erigia uma cidade. Aliás, a ideia de cidade é um dos pontos de partida para esta história de ecoterror: o confronto impossível entre uma *existência prévia* e aquilo que a cidade arrasa.

Estruturada em três ecrãs que envolvem o visitante, *É Noite na América*, de Ana Vaz, promete uma aventura onde esta cidade – tão cara ao trabalho da cineasta – se confronta com uma vida alternativa, aquela que está além do bulício quotidiano. Uma vida de animais em cativeiro, animais que são “resgatados” da sua imprudente entrada na cidade. A exposição instala-nos, à partida, num espaço de *estranheza*, que se repete diversas vezes: a de sons estranhos, *alienígenas*, convocando referências dos filmes de terror para “assustar” o visitante. Estamos num espaço que nos retira do familiar, do quotidiano

citadino. Sons de tachos remetem também para um espaço político – o do barulho contra um governo da cidade (Brasília como capital) e contra os espaços de violência por ele construídos. Sons que remetem para a distopia política, atual e histórica.

Partimos dessa distopia em direção à noite, no limite da visibilidade, jogando com a sensibilidade à luz (ou a falta dela) da película fora de validade que Ana Vaz utiliza. Este lado físico – constituído por materiais já desprezados – reforça a vontade de colocar o visitante num espaço liminal, que é um espaço de dúvidas e contradições, mas também um espaço de abertura para qualquer coisa de novo: de um porvir da natureza e da sua *existência*. A película fora de prazo reforça a taciturnidade que a cidade nos impõe: com as suas luzes vagas, os vermelhos estridentes dos carros, a chuva torrencial – com as suas tempestades e trovoadas –, e uma sensação de entrarmos num filme policial. A câmara (numa inquietação vigilante) parece procurar algum indício no meio do quotidiano febril do princípio da noite (o momento em que, pela falta de visibilidade, somos obrigados a encarar o desconhecido). É uma câmara que às vezes também segue pela estrada fora, qual *road movie*, parecendo deambular sem parar. O que procura esta câmara? A cidade labirinto abre-se para nós: uma cidade-betão, uma cidade-carro, que violenta a escala humana, como antes violentara todos aqueles que fizeram parte da sua história de construção.

FICHA TÉCNICA

Realização, montagem e câmara
Ana Vaz

Música
Guilherme Vaz *Panthera Onca*

Fotografia
Jacques Cheuiche

Som direto
Chico Bororo

Gravações de campo e mistura de som
Nuno da Luz

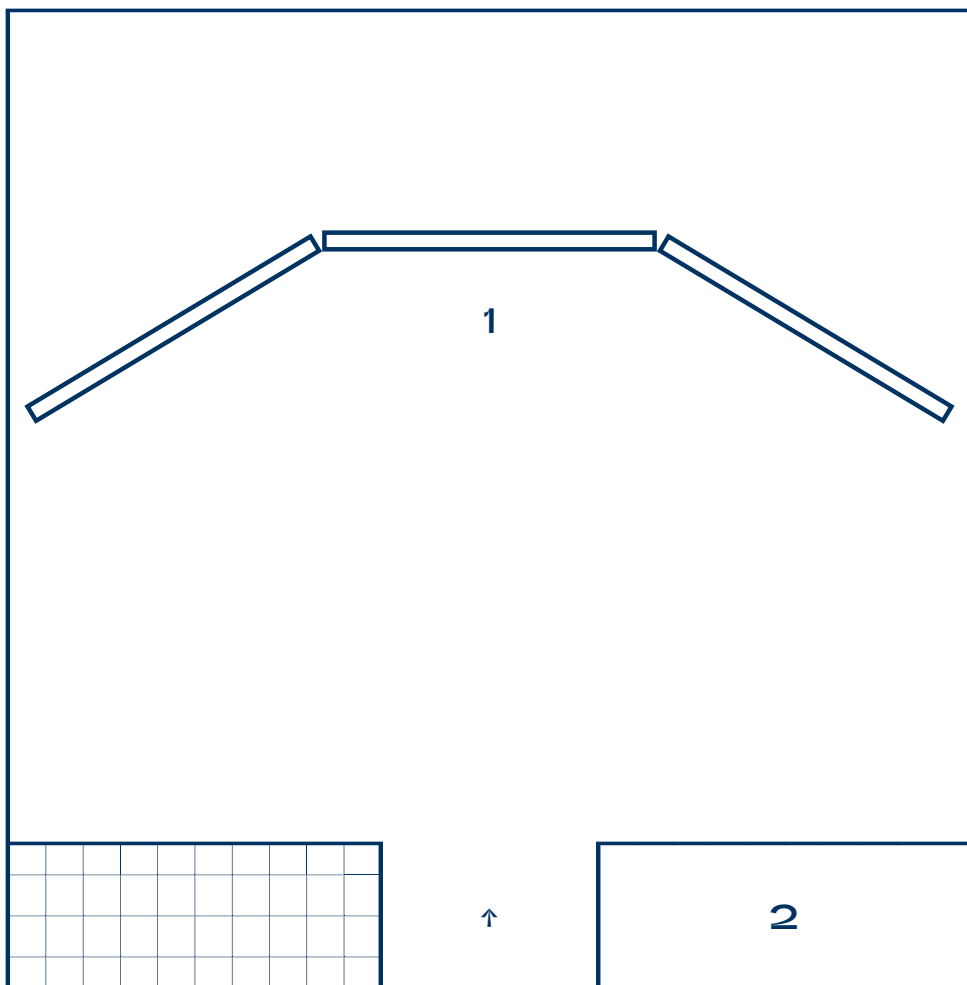
Cor
João Nunes

Aparições
Macau (*Ptenoura brasiliensis*),
Amanda e Jair (*Chrysocyon
brachyurus*), Xingu (*Speothos
venaticus*), *Athene cunicularia*,
Megascops choliba, Quim
(*Cerdocyon thous*), Bethânia Borges
(*Homo sapiens sapiens*), Caramelo
(*Tamadua tetradactyla*), Legolas e
Ploft (*Myrmecophaga tridactyla*),
Isabela Abritta (*Homo sapiens
sapiens*), *Alouatta seniculu*

Agradecimentos

Jardim Zoológico de Brasília, Polícia Ambiental DF, Juliana Fausto, Fernanda Brenner, Deborah Viegas, Cláudia Pereira, Olivier Marboeuf, Filipa Ramos, Igor Morais, Tiago Zuryp.

É Noite na América é uma comissão e produção da Fondazione in Between Art Film, com o apoio de Pivô Arte e Pesquisa, e coproduzido por Ana Vaz e Spectre Productions.



LISTA DE OBRAS

1 – Instalação

É Noite na América, instalação multicanal, 16mm digitalizado em HD, cor, som 3.1, 2022.

2 – Diapositivos 35mm

Arquivo público do zoológico de Brasília (1957 - 1987), 40 slides, loop. Fotografias de diversos autores, entre os quais: Joaquim Firmino, Luiz Lemos, Luiz Cruvinel, Brito e outrxs não identificados. Cortesia do Zoológico de Brasília.

Nesta visão desoladora, somos surpreendidos pelos animais, que “imprudentemente” invadem a cidade. Vemo-los vagueando pelas estradas ou então já “resgatados”, vivendo no Jardim Zoológico de Brasília. As imagens destes animais são impressionantes: como se pressentíssemos a tristeza nos seus olhos, uma inquietação que perpassa também um certo desespero, um desencaixe entre eles e a cidade-utopia. São imagens de ausência de afeto: eles estão sempre cercados de grades ou aparelhos protetores. Os homens que os salvam ou deles tratam estão sempre “protegidos”; alguns deles parecem quase militares, e essa aparência demonstra subtilmente a guerra sobre a qual as imagens nos colocam. Uma guerra surda, minimal, onde está claro quem são os vencedores.

Há uma sugestão, em todo o caso, de uma espécie de golpe – e é aí que *É Noite na América* se desloca, se transforma: nas imagens impressionantes, gigantes, de uma coruja, que enfrenta diretamente a câmara, desafiando o visitante e o seu olhar. O dispositivo instalativo cerca, nesse momento, esse visitante, não o deixa fugir desse golpe recriminatório. Regressa aí, a trilha sonora de Guilherme Vaz, que várias vezes pontua o filme. É uma trilha intensa, misteriosa, impositiva, tal como o olhar da coruja nos interpela.

Intermitentemente, a instalação é separada por regulares ecrãs azuis, ao mesmo tempo que a cidade é filmada no limite do lusco-fusco. A

noite americana (técnica de cinema que permite gravar de dia parecendo ser noite) é transformada na noite da América, um distópico filme sobre o abismo da cidade-utopia no vazio da contemporaneidade. O que restará depois do fim do mundo?

Daniel Ribas

DANIEL RIBAS é investigador, programador e crítico de cinema. É Professor Auxiliar na Escola de Artes da Universidade Católica Portuguesa, onde coordena a Licenciatura e o Mestrado em Cinema. É vice-diretor do Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes. É doutorado em Estudos Culturais pelas Universidades de Aveiro e do Minho; e licenciado em Som e Imagem pela Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa. Mantém uma atividade de curador de cinema e é programador do Curtas Vila do Conde. Neste contexto, foi membro da Direção Artística do Porto/Post/Doc entre 2016 e 2018. Colabora regularmente com o PÚBLICO e é jurado do Instituto de Cinema e Audiovisual desde 2018.

É NOITE NA AMÉRICA

Azul meio dia. Sol de verão. Um corpo morto no meio da calçada. Nenhum ruído a não ser o zunido dos carros. Os passos desaceleram enquanto me aproximo do corpo: pelos ásperos, compridos, rajados de preto e rosa, patas em arco, unhas compridas como se congelado em pleno movimento, focinho longo de quem a terra quer comer. O corpo do filhote desgarrado de uma mãe em luto atropelou-me. Na estrada-asa da cidade-avião, necrópole transformada em oásis pelos arquitetos, milhares de vidas acurradas buscam refúgio nos seus jardins. Como velar por este morto? O filhote a quem não encontro nome a não ser Fuga, atropelado pela ferocidade dos carros, envenenado pelas peçonhentas plantações, morto pela expansiva cidade que acurrala qualquer vida que não se adapte a ela. 55 milhões de anos, neste instante.

Azul meia noite. Os bichos retornam à cidade. Fazem ninhos nos parques de estacionamento. Celebram o lixo de seus habitantes num festim noturno que foge à tirania do sol, dos monumentos, das estradas, dos palanques. Feitiço animalesco contra o império da morte na calada da noite americana: tempo que faz do dia noite. Tempo do bicho-cinema que tenta acompanhar Fuga através de sua própria pele de filme vencido em vias de extinção. Analógica pele escamando o fim de um século marcado pela sua maior característica: o lixo. Analógico lixo

resgatado como testemunha desta fauna em fuga.

É Noite na América é um filme gravado no zoológico de Brasília, habitat de centenas de espécies resgatadas na cidade. Tamanduás, lobos-guará, corujas, cachorros-do-mato, capivaras, carcarás se encontram com biólogos, veterinárias, cuidadores e a polícia ambiental, numa trama soturna aonde os desafios da preservação da vida, face à extinção, tece uma trama de perspectivas cruzadas. Nesta iteração, o filme se expande numa instalação multicanal em diálogo com arquivos e discos num diorama ilusionista aonde vemos e somos vistos. Afinal, quem são os verdadeiros cativos?

Ana Vaz

ANA VAZ nasceu no planalto central brasileiro habitada pelos fantasmas enterrados pela capital federal modernista Brasília. Cerratense de origem e andarilha por escolha, Ana viveu nas terras áridas do Brasil central e do sul da Austrália, nos pântanos do norte Francês e nas margens orientais do Atlântico norte em Portugal. Atualmente traça a sua caminhada entre Paris e Brasília. Sua filmografia ativa e questiona o cinema enquanto arte do (in)visível e como instrumento capaz de desumanizar o humano, expandindo suas conexões e devires com outras formas de vida – tanto outras-que-humanas, quanto espectrais. Consequências ou expansões da sua cinematografia, suas atividades se incorporam também na escrita, na pedagogia crítica, em instalações ou caminhadas coletivas.

Os seus filmes foram apresentados e discutidos em festivais de cinema, seminários e instituições tais como a Tate Modern, Palais de Tokyo, Jeu de Paume, Berlinale Forum Expanded, New York Film Festival, TIFF Wavelengths, Cinéma du Réel, Courtisane, entre outros. Exposições recentes do seu trabalho incluem: "Penumbra" exposição coletiva no Complesso dell'Ospedaletto (Veneza), "É Noite na América" exposição individual no Jeu de Paume (Paris), "Os filmes de Ana Vaz" exposição individual no Dazibao (Montréal), 36º Panorama de Arte Brasileira "Sertão" exposição coletiva no MAM (São Paulo), "Meta-Arquivo 1964-1985: Espaço de Escuta e Leitura de Histórias da Ditadura" exposição

coletiva no Sesc-Belenzinho (São Paulo) e "Profundidad de Campo" exposição individual no Matadero (Madrid). Em 2015, recebeu o Kazuko Trust Award concedido pela Film Society of Lincoln Center em reconhecimento da excelência artística e da inovação do seu trabalho em imagem em movimento. Em 2019, recebeu o apoio do Sundance Documentary Film Fund para completar o seu primeiro longa-metragem.

Ana é também integrante e fundadora do coletivo COYOTE, juntamente com Tristan Bera, Nuno da Luz, Elida Hoëg e Clémence Seurat, um grupo interdisciplinar que trabalha nos campos da ecologia e ciência política através de formas experimentais (conversas, derivações, publicações, eventos e performances).